

## PE-087 - RELATO DE CASO DE APENDICITE NEONATAL

Suzana Kniphoff de Oliveira<sup>1,2</sup>, Arlena Fernandes Paim<sup>1,2</sup>, Andressa de Marco Machado<sup>1,2</sup>, Bruna Ugioni<sup>3</sup>, Fabiane Rosa e Silva<sup>1,2</sup>, Thiago Medeiros dos Santos<sup>1,2</sup>, Leon Iotti<sup>2</sup>, Rodrigo Demetrio<sup>2</sup>, Christian de Escobar Prado<sup>2</sup>, Paola Fialho Perondi<sup>2</sup>

1 - UNESC; 2 - HMISC; 3 - Godoy.

**Introdução:** A apendicite neonatal (AN) é considerada uma condição extremamente rara, apresenta prevalência aumentada em pacientes do sexo masculino 3:1, prematuros, cursa com alta taxa de letalidade, com rápida evolução dos sintomas. **Relato de caso:** M.T.A.L.B., sexo feminino, nasceu de parto vaginal, prematuro tardio com 34 semanas e 1 dia, com peso adequado para idade gestacional (2.306 g), apgar 4/7, realizado reanimação em sala de parto, evoluiu com desconforto respiratório precoce com necessidade de suporte ventilatório, Necessitou de internação na UTI neonatal devido a manutenção do desconforto respiratório, após 14 dias de vida iniciou com quadro de distensão abdominal importante, PCR elevada associada a leucocitose, radiografia de abdômen sugestiva de pneumoperitônio, optou-se então por laparotomia exploratória sem evidência de perfuração ou sofrimento de alças, apresentando apêndice com sinais importantes de inflamação e submetida a apendicectomia, boa evolução pós operatória, ventilatória e hemodinamicamente estável, tolerando após dois dias início de dieta enteral trófica, sem intercorrências posteriores. Ao anatomopatológico achados morfológicos compatíveis com apendicite aguda supurativa com periapendicite, confirmando o diagnóstico AN. **Discussão:** Tal patologia é considerada rara no período neonatal isso se deve a morfologia ainda embrionária do apêndice nesse período, em forma cônica com uma base larga, tornando menos propenso a obstrução, associada a uma dieta líquida ofertada nessa idade o que contribui para baixo índice de obstrução, Os fatores de risco possuem correlação com origem isquêmica, como: hipóxia neonatal, pré eclampsia, prematuridade, cateterismo umbilical e estados de baixo fluxo sanguíneo. **Conclusão:** A apendicite neonatal, é uma condição extremamente rara, no entanto, deve ser uma hipótese considerada em neonatos que evoluem com distensão abdominal e irritação peritoneal, visto que evolue de forma rápida podendo levar a óbito em menos de 24 horas do início dos sintomas.

## PE-088 - INGESTÃO DE ÁCIDOS GRAXOS ÔMEGA 3 E ÔMEGA 6 ENTRE LACTENTES BRASILEIROS ENTRE 6 E 12 MESES

Daniela Prozorovscaia<sup>1</sup>, Elaine Martins Bento Mosquera<sup>2</sup>, Carlos Alberto Nogueira-de-Almeida<sup>3</sup>, Eliana Bistriche Giuntini<sup>4</sup>, Tássia do Vale Cardoso Lopes<sup>4</sup>, Raphael Del Roio Liberatore Júnior<sup>4</sup>, Vanessa Caroline Campos<sup>1</sup>

1 - Nestlé Research, Nestlé Institute of Health Sciences, Lausanne, Suíça; 2 - Nestlé Brasil; 3 - Universidade Federal de São Carlos; 4 - Universidade de São Paulo.

**Introdução e objetivo:** Estudos observacionais e de intervenção mostram um importante papel dos ácidos graxos poli-insaturados de cadeia longa no crescimento e desenvolvimento infantil, incluindo o desenvolvimento neurocognitivo. Nosso objetivo foi avaliar a ingestão de ácido linoleico (LA), ácido araquidônico (AA), ácido alfa linolênico (ALA), ácido eicosapentaenóico (EPA) e ácido docosahexaenóico (DHA) em lactentes brasileiros entre 6 e 12 meses de idade, por meio de pesquisa alimentar. **Métodos:** O FITS 2019 avaliou a adequação da ingestão alimentar de uma amostra de conveniência de lactentes brasileiros < 1 ano (n = 218) das 3 principais regiões do Brasil. Os cuidadores dos bebês completaram um recordatório alimentar de 24 horas e uma subamostra aleatória (25%) completou um segundo recordatório para estimar a ingestão habitual. A ingestão de nutrientes de lactentes de 6-12 meses (n = 105) foi comparada com os valores de referência de adequação de nutrientes: necessidade média estimada, Ingestão Adequada (IA) e nível superior. **Resultados:** 30,5% dos lactentes tiveram ingestão igual ou superior à IA para LA (IOM IA = 4,6 g/dia). Para o ômega 6 AA, existem poucas recomendações dietéticas explícitas que variam de 140 a 258 mg/dia (1, 2). Em nossa amostra, a ingestão de AA foi de 114,7±9,6 mg/dia. A IA recomendada para ALA ômega 3, conforme estabelecido pelo IOM, nessa faixa etária é de 0,5 g/dia, enquanto a ingestão média foi de 0,66±0,03 g/dia. De fato, mais da metade dos bebês (66,7%) estavam em ou acima do IA para ômega 3 ALA. Enquanto a EFSA recomenda 100 mg/dia de DHA nesta faixa etária, a ingestão média em lactentes brasileiros foi de 9,8±2,17 mg/dia com apenas 1,9% dos lactentes que atingiram ou estavam acima do IA para ômega 3 DHA. Quando a ingestão de DHA foi combinada com EPA, a ingestão média aumentou para 15,8±3,9 mg/dia. **Conclusão:** As ingestões habituais estimadas de LA e DHA ficaram abaixo das recomendações entre lactentes de 6 a 12 meses. A promoção de práticas de alimentação infantil ricas em fontes alimentares contendo ácidos graxos de cadeia longa, especialmente DHA, deve ser enfatizada, devido ao papel fundamental no desenvolvimento neurocognitivo de crianças nos primeiros 5 anos de vida.